

## Dialogicidade reflexiva das aulas de Tradições Musicais Brasileiras Ontem e Hoje Comunicação

### GTE 17 – Interesse público, educação musical e etnomusicologia em diálogo

*Maria Madalena Souza Santos  
Universidade Federal da Bahia  
musicar.madalena@gmail.com*

**Resumo:** Este texto é o resultado do esforço para condensar os relatos das experiências vividas nas aulas de Tradições Musicais Brasileiras Ontem e Hoje, a fim de transmitir, para quem o possa ler, uma sutil amostra do que fora compartilhado nesses encontros. Objetiva-se por meio dessa transmissão apresentar diálogo entre os materiais com conteúdo do componente curricular explorados, e o trabalho desta pesquisadora. O texto respalda-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa, empregando-se a técnica Relato de Experiência (Daltro e Faria, 2019). Dentre os autores que fundamentam este trabalho estão Pinto (2008), Ribeiro (2017) e Rosa (2024). O relato aponta que foi possível o diálogo entre os conteúdos do componente curricular e o tema de pesquisa desta discente.

**Palavras-chave:** Experiências, Música, Lúpus.

### Introdução

O semestre letivo 2024.2 da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA) iniciara, e com ele, mais uma etapa da minha vida: estar aluna especial, com vistas ao mestrado, na área de Educação Musical. A disciplina a ser cursada foi Tradições Musicais Brasileiras Ontem e Hoje (PPGMUS0108), sob a regência da Professora Doutora Laila Rosa<sup>1</sup>. Como neófito na pós graduação, as dúvidas e temores não me faltaram.

Eu não sabia ao certo os conteúdos que seriam discutidos, nem se de fato haveria alguma relação entre a disciplina e a minha pesquisa. Todavia, considerei que os conhecimentos que seriam compartilhados ali, poderiam sim, de algum modo, ser suporte para a minha proposta de trabalho.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora em Música - etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia (2009) Laila Andresa Cavalcante Rosa.

Sob o título “Sons e reflexões de lúpicos/lúpicos no enfrentamento da dor” (título provisório), a pesquisa visa investigar, durante o processo ensino-aprendizagem de Música, a ocorrência de impactos no bem-estar de pacientes com lúpus eritematoso sistêmico (LES), considerando o enfrentamento da dor, durante as aulas de Música ministradas no Projeto Arte de Musicar.

Desse modo, os registros aqui encontrados são as interpretações das conversas e silêncios, apreciações e expressões, sons e reflexões, durante as aulas ocorridas, quer presenciais, ou remotas, e suas relações com o projeto desta pesquisadora.

## Proseando sobre mim

Era verão de 1976. Numa cidadezinha do interior da Bahia, pertinho da cidade de Salvador, quatro dias após a “festa da virada”<sup>2</sup>, em pleno dia de domingo, ouviu-se o choro de uma bebê que nascera, e a quem lhe chamaram de Maria Madalena. De lá até aqui, quarenta e nove anos se passaram. É uma vida, com tantas histórias para contar, vivenciadas ao longo da caminhada.

Como filha de professora, aprendi, desde a mais tenra idade, a Arte de Musicar. Destaco aqui que a palavra “musicar”, para mim, não se encerra na ação de fazer Música. Aqui, essa palavra ao ser mencionada faz referência implicitamente a educar, inspirar, amar, alegrar, movimentar, transformar, afetar.

No processo de avançar nos estudos, o meu campo de conhecimento tem sido inevitavelmente ampliado. As recentes leituras me levaram ao aprendizado de que o termo “musicar” ganhou relevância na etnomusicologia e na educação musical especialmente a partir da tradução do termo “*musicking*” (musicar), “cunhado pelo etnomusicólogo e compositor Christopher Small (1927 - 2011)” (Villela et al., 2019, p. 18), e vem sendo apropriado por diferentes autores no exterior e também no Brasil.

Sendo educadora musical, e estando paciente de LES e de fibromialgia, vivencio a alegria de ser educadora, com o coração pulsante por avançar no exercício da minha vocação de modo íntegro, bem como lido diariamente com os desafios próprios do grupo de pacientes lúpicos e fibromiálgicos. Sendo assim, eu sei o que é o gozo do privilégio de compartilhar

---

<sup>2</sup> Modo popular de se referir à passagem de um ano para o outro. *Réveillon*.

conhecimento em sala de aula, e sei o que é o enfrentamento constante da dor e da fadiga aliado ao desejo desesperador de que essa realidade fosse apenas um momento passageiro.

## Diálogos plurais 1: Literatura

Conte-me: você sabe o que é lúpus? O Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES), de acordo com a Cartilha sobre Lúpus: guia para pacientes e familiares, da Sociedade Brasileira de Reumatologia<sup>3</sup>

O Lúpus é uma doença inflamatória, crônica e autoimune, que leva à inflamação dos tecidos previamente saudáveis do corpo. (LÚPUS, Sociedade Brasileira de Reumatologia, p. 3).

É importante saber que de acordo com a referida Cartilha, a doença pode ocorrer em pessoas de qualquer idade, raça e sexo, porém as mulheres são muito mais acometidas. Ocorre principalmente entre 15 e 45 anos, sendo um pouco mais frequente em pessoas mestiças e nos afro-descendentes (Comissão de Lúpus da SBR, 2025, p. 2). O Programa Educacional Falando de Lúpus<sup>4</sup> afirma que 90% das pessoas com lúpus são mulheres.

Meditando no exposto acima, e nas aulas de Tradições Musicais Brasileiras Ontem e Hoje, tomo para mim as palavras da autora Jorgete Lago<sup>5</sup> (2015) quando, na sua Escrita Performática em Etnomusicologia, fazendo menção às alterações sofridas e descobertas no caminho percorrido em sua vida, diz que sente

[...] a necessidade de realizar esta empreitada, não por caridade ou resgate de uma alma necessitada de salvação, mas por respeito e reconhecimento de mulheres que têm um compromisso com as pessoas da sua comunidade por meio de ações com seus grupos da cultura popular, mas que têm pouco ou nenhum reconhecimento seja de seus pares masculinos, seja da sociedade de maneira geral, assim como no meio acadêmico. (Lago, 2015, p. 121).

Percebo que sinto-me também impelida a, a partir das minhas vivências, “realizar essa empreitada” (minha pesquisa) não apenas por ser, nesse contexto, uma sujeito da voz

---

3 COMISSÃO DE LÚPUS DA SBR (ORG.). Lúpus: guia para pacientes e familiares. [S.l.: S.n.]. Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/download/lupus-eritematoso-sistemico-les/?tmstv=1751557077>. Acesso em: 16 de Jul de 2025.

4 FALANDO DE LÚPUS. Disponível em: <https://www.falandodelupus.org/o-que-o-lpus-1> Acesso em: 16 de Jul de 2025.

5 Conteúdo trabalhado nas aulas.

reflexiva, mas também pela consciência da responsabilidade de, como educadora, cooperar no avanço de produções científicas na área de Educação Musical envolvendo também pacientes lúpicos, a partir da investigação, no processo ensino-aprendizagem de Música, da ocorrência de impactos no bem-estar de pacientes com lúpus, em relação ao enfrentamento da dor, levando em conta as percepções dos alunos.

Considero que nos seja permitido constatar que uma pessoa, na realização do seu trabalho, pode inspirar e ser inspirada, pode afetar e ser afetada, pode ser suporte na vida de outras, e também pode receber suporte; pode ser capaz de, no exercício da própria vocação, construir relações a partir do modo dialético da ação/reflexão/ação.

E esse processo ocorre no compartilhar do conhecimento, no percurso metodológico, no desvendar da “inteligência dos corações” afinal, Bispo falando sobre a atuação do professor de Música, é enfático na declaração de que não basta ao educador musical o saber teórico-técnico, mas antes é necessário atentar para o extrapolar da inteligência do intelecto e da razão de maneira a culminar na “inteligência dos corações” (Bispo, 2012, p. 35).

E assim, eu aqui, fisicamente, nessa delimitação tropical, presente (ou ausente?) no tempo que chamamos hoje, numa correria medonha, afazeres mil... As horas parecem fugir do dia, enquanto o dia aparenta perseguir esbaforido as horas. Movimento. Espírito, alma e corpo. Vibrações e frequências sonoras: agudos, médios, graves. Paisagem sonora. Em meu peito, o pulsar do coração pode ser audível, ou utopicamente inaudível. Em meu silêncio, os meus ouvidos escutam; enquanto lá fora, numa demonstração ostensiva, as frequências sonoras saltitam: dez, duzentas, vinte mil vezes, impondo muito a ouvir, mas inspirando, sabe-se lá quantos, a escutar!

O autor Tiago de Oliveira Pinto (2008)<sup>6</sup>, em seu artigo “Ruídos, timbres, escalas e ritmos: sobre o estudo da música brasileira e do som tropical”, apresenta um texto rico nas suas muitas descrições de reverberações sonoras: sonoridades tropicais. E é repleto de interpretações dos sons, cada uma de acordo com a forma de ouvir ou escutar de cada pessoa envolvida no processo. Para uns, “música absoluta”, para outros, “música dos povos naturais”. Para aqueles, estruturas formadas para pautarem uma prática musical; para esses uma prática que sobrepõe padrões estabelecidos (Pinto, 2008, p. 103).

---

<sup>6</sup> Conteúdo trabalhado nas aulas.

Seguindo, o texto vai pormenorizando expressões culturais de paisagens sonoras, percorrendo sobre o valor dos cinco sentidos do ser humano nesse contexto musical (Pinto, 2008, p. 105), convidando à reflexão sobre a realidade e a verdade dos sons que somente ouvimos, quando se pode ir além e escutar (Pinto, 2008, p. 106). E chamando a escutar como quem traduz, o autor, citando Wagner (2001) registra que:

Esse caráter aberto do sistema comunicativo musical, que comunica sem que se possa traduzir a sua mensagem, da forma como se traduz um texto verbal, facilitou que a música fosse usada e mesmo mal usada em todas as épocas e possivelmente entre a maioria dos povos nos trópicos. Isso significa que, na sua mais pura acepção como arte, a música não conhece nem racismo, tampouco discriminação, nem mesmo a idéia de colonialismo. Se foi utilizada nesse sentido, foi a intenção desse uso que serviu a finalidades destrutivas, não as estruturas musicais em si (Wagner, 2001 *apud* Pinto, 2008, p. 107-108).

Ah! A Música! Essa seara de sentidos e interpretação dos sons que ecoam na vastidão do universo que se encerra no recôndito de cada humano ser, e que provoca o desejo de inspeção de histórias vivenciadas! (Almeida, 2022 *apud* Almeida, Teixeira, 2023, p. 11). E são tantas as “Histórias da Vida”!<sup>7</sup>

Anarandà: Você já ouviu sobre ela falar? Mulher indígena da nação Guarani Kaiowá, nascida na Aldeia Guapoy, em Amambai - Mato Grosso do Sul; artista contemporânea: MC Anarandà. A letra da música “Rap Femicídio”<sup>8</sup>, interpretada por ela, manifesta resistência, inconformismo e exposição, e é uma denúncia sobre a violência sofrida pelas mulheres. São Sons que ecoam convidando à Reflexões.

Avançando nessa proposta de diálogo, e observando o âmbito da “escrivência”, observo que a escritora Alice Alves (2021, p. 5)<sup>9</sup>, dentro das suas reflexões de vida, levanta questionamento sobre seus “saberes localizados”. Encontramos em seu trabalho a seguinte pergunta: “É mesmo presunção traçar uma pesquisa através de uma escrita performática através das relações que nós tecemos com a música?” (Alves, 2021, p. 6). E ela não pára por aí, mas avança, respondendo que “ao se pensar que a neutralidade, que a imparcialidade na

---

7 HISTÓRIAS DA VIDA. Maré Produções. Estreou em 07 de abril de 2022. Disponível em:

[Histórias da Vida - com Audiodescrição](#) Acesso em: 23 jan 2025.

8 Conteúdo trabalhado nas aulas.

9 Conteúdo trabalhado nas aulas.

pesquisa não existem, não necessariamente será presunçoso se colocar como pessoa para a construção de olhares investigativos.” (Alves, 2021, p. 6).

Sinto que o trecho acima nos convida a voltarmos à leitura do terceiro parágrafo do tópico “Proseando sobre mim”, e quarto parágrafo do tópico “Diálogos plurais 1: Literatura”, deste trabalho, para uma nova reflexão do quanto ali exposto. E aproveito para enfatizar que este artigo fala de Educação, de Música, de empatia, de afeto, de formação de vínculo, de compartilhar conhecimento, de aprendizagem, de integridade pessoal tamanha manifestada na busca de me deixar ser inspirada e também inspirar, pois, “sendo eu uma mulher”<sup>10</sup> (Sojourner Truth, 1851)<sup>11</sup> conheço a essencialidade de ser mulher.

E, parafraseando Truth, em um trecho de seu poema intitulado “On woman’ dress poem” digo que “busco me reformar a mim mesma em primeiro lugar. Pois eu (Madalena), me considerando já um velho corpo, posso a qualquer momento sair deste mundo em outra, e quero dizer quando eu chegar lá, Senhor, eu fiz o meu dever, e eu disse toda a verdade, eu não guardei nada” (Truth, 1851 *apud* Ribeiro, 2017, p. 23).

E os relatos de vivências seguem amalgamados neste texto. Porque é também sobre a “experiência” e o “saber da experiência” (Larrosa, 2019), o qual gera o “sujeito da experiência” (Larrosa, 2022). Assim é o tal

[...] saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. [...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (Larrosa, 2022, p. 32).

Busco responder ao que me acontece, no afã de explorar o saber de experiência da minha forma, do meu jeito, de acordo com as minhas particularidades: mãe e avó, filha e irmã, amiga, professora, lúpica, fibromiálgica, estudante, pesquisadora...

---

10 Referência ao discurso de Sojourner Truth intitulado “E eu não sou uma mulher?” na Convenção dos Direitos da Mulher, na cidade de Akron, em Ohio, nos EUA.

11 Conteúdo trabalhado nas aulas.

## Diálogos plurais 2: Vivências

O evento comemorativo dos 70 anos da UFBA contou com uma rica programação, a exemplo de concertos e palestras. Dentre as atividades, aconteceu a Mesa “TCCs da Licenciatura em Música e seus impactos na vida profissional, pessoal e acadêmica”<sup>12</sup>. Esteve na coordenação desse trabalho a Professora Doutora Jaqueline Leite, e as palestrantes foram as Professoras Raíssa Pessoa, Adriane Campos, e Madalena Santos, ambas egressas da Universidade Federal da Bahia. Entretanto, dialogarei aqui apenas com a apresentação da professora Raíssa, pela necessidade de fazer uma abordagem resumida.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Professora Raíssa Pessoa traz o seguinte título: “A criação de canções e a construção identitária de licenciandos em música: um estudo de multicasos”. Em sua fala, ela abordou o olhar observador dos estudantes entrevistados da licenciatura em Música, referente a construção da identidade racial, e a composição de canções nesse contexto. Em sua pesquisa, quatro obras musicais são apresentadas e analisadas, dentre elas, uma de sua autoria. De modo resumido, em seu TCC, sobre os discentes entrevistados, ela diz que:

[...] Dainho Xequerê em sua composição traz a sua vivência, sua história, contextualizando com partes da história sobre a capoeira contada pelos mestres e ainda insere essas composições em seus projetos e aulas que leciona. Tássio Sarrosí mostrou sua visão de como a sociedade se comporta ao lidar com o racismo estrutural e institucionalizado, enquanto artista, professor e motoboy preto de periferia que usou da arte para desabafar. Mostrando que tem muito dele e do que ele vive dentro da sua composição junto com a favela resistindo. Camila Souza soube usar da doçura das palavras para mostrar que o questionamento é a arma mais poderosa usada pelas crianças e que muitas vezes silenciemos. Na busca de fortalecer seus alunos e todos aqueles que se deliciem com sua composição, Camila utiliza perguntas. (Silva, p. 55, 2021).

No excerto acima, percebo que os relatos encontram desfecho na Música. É nesse poder de transformação gerado na fusão Música-Educação que creio, onde vidas são afetadas porque alguém se dispôs a se expor, em favor de si e de outrem. Espero poder ouvir, no

---

<sup>12</sup> Participar de uma das muitas atividades no evento comemorativo dos 70 anos da UFBA foi uma das tarefas propostas pela professora da disciplina. Na referida mesa, tive participação.

Projeto Arte de Musicar, Sons que traduzam Reflexões, assim como as pessoas supracitadas ouviram/ouvem nas suas vivências.

O autor Nóvoa (2009), discorrendo sobre o questionamento - “Professores: o futuro ainda demora muito tempo?” (Nóvoa, 2009, p. 9) ele levanta outro ponto: “como fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer? (Nóvoa, 2009, p. 17). Ele então apresenta uma medida: “é preciso passar a formação de professores para dentro da profissão” (Nóvoa, 2009, p. 36). E ele segue afinando as linhas de raciocínio destacando algumas considerações dentre as quais o “compromisso social e vontade de mudança” (Nóvoa, 2009, p. 19), e chega na necessidade de observação da relevância de assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino devem se tornar visíveis, do ponto de vista profissional e científico, pois

Trata-se, sim, de afirmar que as nossas propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho. Enquanto forem apenas injunções do exterior, serão bem pobres as mudanças que terão lugar no interior do campo profissional docente. (Nóvoa, 2009, p. 19)

Nesse contexto de inspirar e ser inspirada, o tempo também passa. Mas o semestre não poderia encerrar sem que algumas pessoas ofertassem parte de seu tempo para estar com nossa turma. Foi bom demais desfrutar do privilégio de ouvir, escutando, o Professor Andeson Cleomar dos Santos <sup>13</sup>, Mestre e Doutorando em Música pelo PPGMus - UFBA.

Índigena do povo Pankararu, cujo território está localizado no alto sertão Pernambucano, discorreu sobre a sua dissertação de Mestrado, cujo tema é “Sons, torés e toantes da Corrida do Imbu: afirmação e reafirmação do ser indígena Pankararu”.

Você, nobre leitor, observou qual é a primeira palavra do título da dissertação? Pois é: SONS! (Risos). “Sons” que, reverberativos, chegam aos meus ouvidos, me inspirando a ampliação de conhecimento, me convidando a superar desafios, a enfrentar os obstáculos, com a paz de quem é parte do processo, assim como o Professor Andeson, o qual diz em seu relato que “desde muito cedo, vivenciei e vivencio nossas práticas culturais, o que torna esta pesquisa peculiar, por estar na condição de pesquisador e, ao mesmo tempo, ser parte do grupo investigado. (Santos, 2020, p. 27).

---

<sup>13</sup> Professor convidado pela professora Laila para compartilhar conhecimento com a turma.

O Professor Dr. Pedro Acosta<sup>14</sup>, e a Professora Dr<sup>a</sup> Cristina Owtake<sup>15</sup> também nos honraram com suas presenças. Aquele, expressando leveza, autoridade e sensibilidade em sua fala tão própria! E ela, de modo singelo, e em sua pluralidade, além de me inspirar, me motivou a perseverar na caminhada da vida, extrapolando assim os limites da relação estritamente acadêmica.

Não posso deixar de relatar que foi contagiante escutar o Prof. Pedro Acosta narrando vivências que imprimiram e imprimem marcas, não apenas na História, mas nas vidas. O brilho reluzente em seu olhar ao discorrer sobre a alegria da materialização do primeiro trabalho de Etnomusicologia essencialmente Negra<sup>16</sup> foi, para mim, o transbordar de gratidão, não obstante as lutas que com certeza foram travadas, e os desafios superados, a partir das “forças e fragilidades” presentes (Rosa, 2024, p. 16).

E, nesse avançar, embora saiba que muitas vezes para avançar é necessário pausar marcando passo, é lindo ler que “não nos sentimos sozinhos, pois sabíamos que as dificuldades viriam e teriam que ser superadas. Sempre foi assim na vida, e porque haveria de ser diferente em uma instituição acadêmica?” (Rosa, 2024, p. 16). As lições que extraio aqui são de superação, perseverança, compromisso e gratidão.

## Considerações finais

Nas vivências pessoais, sigo conhecendo que a cada hoje, mais que a cada ontem, tenho mesmo muito a aprender, afinal, a vida é um constante aprendizado. Na jornada acadêmica tenho atentado para o fato de que não é apenas sobre o que me falta, mas é também, sobre o que já tenho para compartilhar. Não é somente sobre o excesso ou detrimento de informação, nem sobre a capacidade fluente ou comedida de opinar; nem ainda sobre ser o “sujeito do estímulo, da vivência pontual, da formação permanente e acelerada, da constante atualização ou da reciclagem sem fim” (Larrosa, 2022, p. 22, 23).

---

14 Professor convidado pela professora Laila Rosa para compartilhar conhecimento com a turma.

15 Professora convidada pela professora Laila Rosa para compartilhar conhecimento com a turma.

16 Dossiê “Etnomusicologia Negra: Caminhos, Contribuições, Pensamento e Legado”. Pedro Fernando Acosta da Rosa (Org.). Vol. 13, N.º 32024.. Disponível em: <https://musicacultura.com.br/rmc/issue/view/1/3>. Acesso em: 01 de Fev 2025.

Mas é sobretudo referente a trabalho, entendendo o trabalho como “toda ação consciente no propósito de transformar, dar, comunicar virtude para a formação do outro. É a capacidade de gerar fluxo. Não é preocupação, nem ocupação, é propósito.”<sup>17</sup>

Um dos meus compromissos assumidos hoje como pessoa humana, é me deixar ser inspirada, e inspirar qualquer pessoa que, estando próxima a mim, se deixe inspirar. Para mim, inspirar alguém é contribuir com seu desenvolvimento humano, despertando nele a consciência sobre sua essência. Quando sou inspirada por alguém significa que consegui ver a meu respeito além do que havia visto até então; e ainda, ter a consciência despertada quanto às minhas capacidades, competências e limitações.

Ser inspirada não é pretender ter o que o outro tem, fazer o que o outro faz, ser quem o outro é. Ser inspirada é conhecer a mim mesma e me fazer conhecida, não a partir exclusivamente do meu senso de direito, nem das minhas pretensões balizadas no meu egoísmo, presunções, arrogâncias e soberbas. Mas inspirar fundamentada na empatia, compaixão, verdade e nos bons afetos. Considero, em suma, que nas aulas de Tradições Musicais Brasileiras Ontem e Hoje, eu fui inspirada, e também inspirei. Houve dialogicidade.

---

<sup>17</sup> Definição transmitida na live realizada por Paulo Borges no dia 14 de junho de 2020, em seu perfil do Instagram, entre os minutos 15 e 17. LINK: [https://www.instagram.com/tv/CBahNNuF097/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CBahNNuF097/?utm_source=ig_web_copy_link)

## Referências

ABET. *Revista Música e Cultura*. Dossiê “Etnomusicologia Negra: Caminhos, Contribuições, Pensamento e Legado”, 2024. ISSN 1980-3303. Disponível em:

<https://musicacultura.com.br/rmc/issue/view/1/3>. Acesso em: 1 fev. 2025.

ALVES, Emanuele da Silva. Mais uma escrita performática em etnomusicologia: será que é mesmo uma proposta presunçosa assumir que falamos a partir das nossas relações pessoais com a música? In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 10., 2021, Porto Alegre (virtual).

*Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir*.

Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: <[www.even3.com.br/anais/xenabet](http://www.even3.com.br/anais/xenabet)>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BISPO, Antônio Alexandre. Educação musical a serviço da ética. 2012. Disponível em:

[https://www.ufrgs.br/sead/wpcontent/uploads/2021/10/EAD\\_na\\_Formacao\\_de\\_Professores\\_de\\_Musica.pdf](https://www.ufrgs.br/sead/wpcontent/uploads/2021/10/EAD_na_Formacao_de_Professores_de_Musica.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

COMISSÃO DE LÚPUS DA SBR (org.). *Lúpus: guia para pacientes e familiares*. [S.l.]: [s.n.].

Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/download/lupus-eritematoso-sistemicos-les/?tmstv=1751557077>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 2019.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29664>. Acesso em: 18 jun. 2023.

DE ALMEIDA, Jéssica; TEIXEIRA, Ziliane. Movimento (auto)biográfico da educação musical no Brasil: avanços e perspectivas. *Revista da FUNDARTE*, [S.l.], v. 57, n. 57, p. e1270, 2023. DOI: 10.19179/rd.f.v57i57.1270. Disponível em:

<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1270>. Acesso em: 27 jan. 2025.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FALANDO DE LÚPUS. Programa educacional voltado à população da América Latina que fala português e vive com lúpus e às pessoas ao seu redor. Disponível em:

<https://www.falandodelupus.org/o-que-o-lpus-1>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LAGO, Jorgete Maria Portal. Escrita performática em etnomusicologia: uma proposta presunçosa a partir da minha relação com a música. 2015. Disponível em:

[https://www.abet.mus.br/download/AnaisVII\\_ENABET2015.pdf](https://www.abet.mus.br/download/AnaisVII_ENABET2015.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Tradução Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

OWTAKE, Cristina Mami. Procedimentos interpretativos presentes nos processos composicionais de Guerra Peixe: um estudo de caso da “Série Xavante”. 2020. xvi, 246 f., il. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Salvador, 2020.

PINTO, Tiago de Oliveira. Ruídos, timbres, escalas e ritmos: sobre o estudo da música brasileira e dos sons tradicionais. *Revista USP*, São Paulo, n. 77, p. 98–111, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i77p98-111. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13659>. Acesso em: 27 jan. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. Disponível em: [https://elasexistem.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/07/djamila-ribeiro\\_o-que-e-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf](https://elasexistem.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/07/djamila-ribeiro_o-que-e-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf). Acesso em: 7 jan. 2025.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. Carta do organizador. *Música e Cultura*, v. 13, n. 3, p. 14-19, 2024.

ROSSATE, Ana Lúcia. Rap Feminicídio Mc Anarandá. *YouTube*, 18 abr. 2023. 1 vídeo (3 min 33 s). Disponível em: <https://youtu.be/ZPND6pIG4Zo?si=C8bHwLXit2cD53R>. Acesso em: 21 dez. 2024.

SANTOS, Andeson Cleomar dos. Sons, torés e toantes da Corrida do Imbu: afirmação e reafirmação do ser indígena Pankararu. 2020. 193 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Salvador, 2020.

VILLELA, Alice; ARAÚJO, Samuel; LÜHING, Ângela; MENEZES BASTOS, Rafael José de; LIMA, Paulo José de Souza. O musicar como trilha para a etnomusicologia. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 73, p. 17–26, set. 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i73p17-26. Acesso em: 10 agos. 2025.